



VAZIO EXISTENCIAL EM TRAVESTIS EXPOSTAS A SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE SOCIAL

Suélen Gomes Mendes

Caxias do Sul, 2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PSICOLOGIA

VAZIO EXISTENCIAL EM TRAVESTIS EXPOSTAS A SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE SOCIAL

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para a aprovação na disciplina PSI0519AE –  
Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a  
orientação da Profa. Dra. Rossane Frizzo de  
Godoy.

Suélen Gomes Mendes

Caxias do Sul, 2020

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às travestis por existirem e resistirem no país que mais mata pessoas trans no mundo. Suas subjetividades, vivências e experiências de vida não estão no meu lugar de fala, pois sou uma pessoa cisgênera. E, por isso, dedico esse trabalho a elas, com o intuito de tirar o foco das pesquisas sobre possíveis patologias por sua identidade de gênero. O estudo propõe a reflexão do sofrimento e adoecimento psíquico por causa das violências, discriminações e vulnerabilidades sofridas por essas pessoas, não por serem quem são.

Pelo apoio durante essa caminhada, agradeço aos meus familiares: minha mãe Gizelda, meu pai Volnei, meu irmão Madson e minha cunhada Viviane, que estiveram ao meu lado e me deram o suporte necessário para chegar até esse momento. À minha namorada, Vanessa, que vem sendo uma das pessoas que mais me apoia e me mostra que sou capaz de atingir minhas metas sem sofrer, pois ela sempre traz meu foco para a realidade. Além disso, com ela pude perceber que ao amar é possível autotranscender.

Agradeço também aos meus amigos que sempre estiveram presentes em minha vida, me apoiando e aconselhando. Mas, principalmente, quero agradecer às minhas amigas Gabriela, Morgana e Marina por me auxiliarem no processo criativo e de escrita desse trabalho, além de sempre estarem disponíveis para me acalmar.

Agradeço à minha orientadora, a professora e psicóloga Rossane, que por possuir um enorme conhecimento teórico e técnico, me assessorou nesse processo e contribuiu para que essa pesquisa fosse concluída com sucesso. Suas dicas, críticas e opiniões foram de grande valia.

Para concluir, agradeço a todas as pessoas que, em algum momento, colaboraram na minha trajetória na graduação. Muitas que não vejo mais ou sequer consigo lembrar, mas que fizeram ou ainda fazem com que minha existência seja mais tranquila, prazerosa e de muitos aprendizados.

**SUMÁRIO**

	Página
INTRODUÇÃO .....	7
OBJETIVOS .....	10
Objetivo Geral .....	10
Objetivos Específicos .....	10
REVISÃO DA LITERATURA .....	11
Identidade de Gênero .....	11
Travestis e transexuais em situações de vulnerabilidade social .....	12
Sentido de Vida .....	15
MÉTODO .....	20
Delineamento .....	20
Fontes .....	20
Instrumentos .....	21
Procedimentos .....	21
Referencial de Análise .....	21
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
REFERÊNCIAS .....	38

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Categorias, unidades de análise e cenas.....	23
Tabela 2. Categoria 1: Travestilidade.....	24
Tabela 3. Categoria 2: Vulnerabilidade social.....	27
Tabela 4. Categoria 3: Vazio Existencial.....	31

## RESUMO

O Brasil é considerado o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Esse dado condiz com as elevadas taxas de violências e discriminações sofridas por essa população. Nesse âmbito, estudos sobre o sofrimento psíquico de travestis, possivelmente causado pela exclusão social, são relevantes. O objetivo geral desse estudo é identificar possíveis relações entre vulnerabilidade social e manifestação do vazio existencial em travestis. E, como objetivos específicos, propõe-se caracterizar identidade de gênero e travestilidade; caracterizar vulnerabilidade social e caracterizar vazio existencial na perspectiva da logoterapia. Em relação a metodologia, a pesquisa é qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo. Como fonte de pesquisa foi escolhido o artefato cultural Segunda Chamada. Como instrumento, foi desenvolvida uma tabela para descrever e categorizar as cenas. O referencial de análise utilizado foi baseado na análise de conteúdo proposta pelos autores Laville e Dione. O recorte dos conteúdos ocorreu através do modelo aberto, com categorias a posteriori. A técnica adotada para interpretação foi o emparelhamento. As categorias criadas e suas respectivas unidades de análise foram: 1.Travestilidade – visão de si, binariedade homem/mulher e heteronormatividade; 2.Vulnerabilidade social – exclusão social, violência e educação; 3.Vazio existencial – falta de sentido, tristeza e desesperança. Os resultados encontrados foram analisados à luz da perspectiva da logoterapia, buscando uma compreensão da possível manifestação do vazio existencial em travestis expostas a situação de vulnerabilidade social. A partir disso, foi possível obter resultados que abrangessem o objetivo geral do estudo. Evidenciou-se manifestação de vazio existencial em decorrência das violências e discriminações sofridas pela personagem nas cenas escolhidas. Ainda, o estudo revelou a necessidade de conscientizar as pessoas quanto ao preconceito sofrido pela população trans, enfatizando as travestis, pois reduz a qualidade de vida e aumenta a probabilidade da manifestação do vazio existencial em virtude da vulnerabilidade social.

Palavras-chave: travesti, vulnerabilidade social, logoterapia e vazio existencial

## INTRODUÇÃO

A inspiração da pesquisadora em buscar as possíveis contribuições da vulnerabilidade social para a manifestação do vazio existencial em travestis surgiu na disciplina Bases Biológicas do Comportamento, ao estudar sobre sexualidade humana. Durante o restante da trajetória acadêmica este tema não possuiu enfoque e raramente foi abordado, gerando maior interesse em conhecer as vivências de travestis e transexuais.

Em 2018, após a participação na VII Jornada Científica do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia sobre “Identidade Sexual: uma questão de identificação?”, sentiu-se a necessidade de ampliar a visão dos profissionais da saúde para a despatologização de travestis e transexuais, principalmente a associação das identidades de gênero e orientações sexuais com a uso de substâncias abusivas.

Quanto ao vazio existencial, a disciplina Psicologia e Psicoterapia Humanista e Existencial contribuiu para o conhecimento da Logoterapia, o que gerou desejo pelo aprofundamento desta perspectiva teórica. Assim, somou-se o interesse pessoal sobre sexualidade, identidade de gênero, preconceito e vulnerabilidade social, possibilitando a elaboração do tema de pesquisa para melhor compreensão da saúde mental de travestis socialmente vulneráveis.

Em 2019, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), a Organização Mundial de Saúde (OMS), retirou da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID) a classificação da transexualidade como transtorno mental. Esta modificação condiz com a Resolução CFP nº01/2018, que orienta que psicólogos(as) brasileiros(as) atuem para que travestilidades e transexualidades deixem de ser consideradas patologias (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Neste mesmo ano, o Brasil fechou a marca de país que mais mata transexuais e travestis no mundo, foram registrados 124 assassinatos por transfobia. De acordo com casos noticiados durante este período, o registro de violência contra esta população aumentou cerca de 800%, resultando em 11 pessoas agredidas diariamente em território brasileiro (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2020b).

De acordo com a Associação Pan-Americana da Saúde, quando um indivíduo sofre em meio à violência, abusos, senso de isolamento, conflitos sociais, discriminação e vulnerabilidades, ele terá maior probabilidade de apresentar comportamento suicida e nisso inclui a população LGBTI (Organização Pan-Americana da Saúde, 2018). Estima-se que a cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo e o Brasil é o 8º país com maior taxa de suicídio, quem em 2012 registrou 11.821 mortes (World Health Organization, 2014).

Entretanto, não há dados exatos da OMS quanto à população trans, porém estima-se que 42 a 46% da população trans já tentou suicídio e na população brasileira em geral a prevalência é de 4,6% (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018).

Em vista dos dados apresentados, deve-se considerar que as travestis não se enquadram entre o masculino e feminino imposto pela sociedade, portanto são marginalizadas, sendo alvo de muitas violências e discriminações por essa transgressão. Na maioria dos casos, são rejeitadas como membros da comunidade em que vivem, o que resulta na dificuldade de reinserção social (Ministério da Saúde, 2015).

Assim, a definição de vulnerabilidade social não se reduz à carência econômica, mas abrange organizações políticas, étnicas, de orientação sexual e gênero. Desta forma, dificulta a mobilidade social das pessoas inseridas nestas categorias de transitarem nas estruturas sociais e econômicas, o que possibilita a diminuição de bem-estar e de condições de vida (Guareschi, Bernardes, Oliven & Weber, 2006).

É importante lembrar que as pessoas em sofrimento psíquico necessitam ser reconhecidas como sujeitos ativos na sociedade, devendo produzir em diversas esferas da vida. Porém, ao falar sobre vulnerabilidade social e a exposição de risco enfrentada por este grupo, a responsabilização do sujeito para a mudança comportamental para sua saúde mental se dá pela disponibilidade de recursos culturais, econômicos, políticos e jurídicos (Tonin & Barbosa, 2017).

Com isto, a logoterapia é uma perspectiva teórica que busca compreender o íntimo do ser humano, a realidade em que está inserido e suas razões para encontrar sentido na sua vida. Uma queixa comum de pacientes é a falta de significado em suas vidas e de um sentido que valha a pena viver, ocorrendo a sensação da perseguição de um vazio interior, denominado vazio existencial (Aquino, Silva, Figueirêdo, Dourado & Farias, 2011; Frankl, 2005).

Portanto, a logoterapia busca ajudar o paciente a ter consciência plena de sua própria responsabilidade, ele é quem decide ser responsável perante a sociedade ou a sua própria consciência. Desta forma, podemos entender como noodinâmica a tensão entre um sentido a ser cumprido e a pessoa que deve cumpri-lo. Esta tensão é fundamental para o bem-estar mental (Frankl, 2005).

Pensando nas informações observadas, se faz necessário o estudo aprofundado da saúde mental de travestis em vulnerabilidade social para que assim a psicologia e demais áreas do conhecimento possam trabalhar em conjunto, promovendo a diminuição do preconceito e melhorando a qualidade de vida para esta população. Assim, o avanço das discussões acerca deste assunto possibilitará a prevenção e enfrentamento do vazio

existencial que as travestis podem manifestar ao longo de suas vidas. Por esse motivo, esse estudo se propõe a responder o seguinte problema de pesquisa: quais as possíveis relações entre vulnerabilidade social e manifestação do vazio existencial em travestis?

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Identificar possíveis relações entre vulnerabilidade social e manifestação do vazio existencial em travestis.

### **Objetivos Específicos**

- Caracterizar identidade de gênero e travestilidade;
- Caracterizar vulnerabilidade social;
- Caracterizar vazio existencial na perspectiva da logoterapia.

## REVISÃO DA LITERATURA

### Identidade de Gênero

Para que o objetivo do estudo tenha um melhor entendimento, é necessária a distinção entre sexo e gênero. Assim, o primeiro conceito pode ser caracterizado pelo biológico, pela fisiologia do sexo ao nascimento posto na binariedade masculina ou feminina, e o segundo, gênero, é interpretado como papel social desempenhado por um indivíduo, de acordo com a interpretação sociocultural do sexo (Petry, 2015).

Desta forma, identidade de gênero pode ser definida como a identificação do indivíduo com o papel social de gênero que desempenha perante a sociedade. Além disso, em latim, o termo cis, do vocábulo cisgênero, indica a ausência de mudança, ou seja, pessoas cisgêneras preservam a identidade de gênero recebida ao nascimento, ao seu sexo biológico e isso é estável, sem modificações. Já trans se refere à mudança ou transformação desses critérios. Portanto, as palavras cisgênera e transgênera são utilizadas ao mencionar pessoas em que o sexo biológico e o papel social são ou não são congruentes. Porém, pelo padrão normativo cisgênero da sociedade, esta definição de pessoas transgêneras pode ser vista como desviante da norma e possibilitará discriminações e exclusões (Almeida & Vasconcellos, 2018). Portanto, é possível definir a normatividade binária cisgênera como a possibilidade singular da integralidade de vivências “não patológicas frente ao sexo, ao gênero, à identidade de gênero e à sexualidade” (Sousa & Cavalcanti, 2016, p. 218).

Quanto às travestis, englobadas no termo trans (transexuais, transgêneros, travestis e demais pessoas que não se identificam como cisgêneras), torna-se difícil defini-las sem desrespeitar suas pluralidades de identificações, expressões, vivências e performances corporais. Assim, as travestis, nascidas com o sexo biológico masculino, podem ser consideradas como identificações e expressões de gênero relacionadas a feminilidade, possibilitando a busca por métodos cirúrgicos e hormonais de modificação corporal para construir a imagem feminina que for mais adequada para si (Porcino, Coelho & Oliveira, 2018; Oliveira et al. 2019).

Entretanto, a falta de conhecimento da população em geral sobre identidade de gênero, transgeneridade e cisgeneridade, causa invisibilidade para a população trans por haver frequente confusão com orientação sexual. Desta forma, não somente há prejuízo na compreensão da vivência desta população como sua existência perde reconhecimento. Independente da identidade de gênero de uma pessoa, a sua orientação sexual pode ser entendida como o desejo sexual, emocional ou físico direcionado a alguém. Isso posto, é possível compreender que a sociedade reconhece o indivíduo pela soma de sua orientação

sexual, sexo biológico, identidade sexual e características psicológicas (Almeida & Vasconcellos, 2018; Silva, Frutuoso, Feijó, Valerio & Chaves, 2015).

O ativismo trans e suas interações sociais deram origem ao uso do termo cisgeneridade através da resistência às cisheteronormatividades. As normas cisgêneras podem se manifestar nas práticas sociais e sexuais baseadas na exclusão de identidades que não podem existir, caso contrário, serão caracterizadas como inviáveis. Por conseguinte, essas normas afetam as identidades de gênero e orientações sexuais (Bagagli, 2017).

Desta forma, a heteronormatividade pode ser entendida como organizadora da sociedade ocidental, definindo práticas sexuais e pessoas heterossexuais como privilegiadas e normais. Assim, gênero e sexualidade passam por uma regulação heteronormativa que caracteriza o estilo de vida normal esperado pela sociedade diante da binariedade homem/mulher. Este âmbito pode ser entendido como excludente e, no meio trans, a genitália não é determinante para definir homem ou mulher, assim como masculino e feminino (Bagagli, 2017).

### **Travestis e transexuais em situações de Vulnerabilidade Social**

Em latim, a origem do vocábulo vulnerabilidade ocorre a partir da junção dos termos *vulnerare* traduzido como ferir, prejudicar, e *bilis* que significa suscetível a algo. Desta forma, um sujeito em situação de vulnerabilidade social pode estar exposto a perigos e danos por causa da fragilidade de sua existência. A população de baixa renda tende a ficar privada ou com maior dificuldade de acesso aos recursos de superação das vulnerabilidades vividas. Contudo, o conceito de vulnerabilidade não está restrito à precariedade de renda, mas juntamente a isto a associação com um frágil vínculo afetivo-relacional e a desigualdade na oportunidade de acessar bens e serviços públicos (Carmo & Guizardi, 2018).

Para áreas da saúde e assistência social, pessoas em situações de vulnerabilidade não conseguem atingir uma alta escala de qualidade de vida, portanto é possível apoiá-las para que criem capacidades para proporcionar a mudança de seu contexto. Esta resiliência pode ser alcançada pela disponibilidade de recursos psicológicos e materiais em sua condição vulnerável (Carmo & Guizardi, 2018).

Quanto a população trans, pode-se dizer que se encontra em grande vulnerabilidade social, ressaltando a maioria destas pessoas como analfabetas ou semianalfabetas. Calcula-se que a expectativa de vida em geral da população brasileira é de 74 anos e que a das pessoas trans esteja próxima aos brasileiros não escravizados em 1880, ou seja, 35 anos (Almeida & Vasconcellos, 2018).

A violência é um desafio para a Saúde Pública e sua expressão máxima, o homicídio, possui uma vasta significação social tanto por cessar a vida de uma pessoa quanto por refletir o acontecimento de problemas sociais, como a desigualdade. Com isto, é possível perceber vínculo da criminologia com sociedade desigual e excludente, pois a população nestas condições é mais passível a vivências violentas. Neste sentido, a reprodução de opressão em série é criada pelo descaso do poder público na proteção social, não apenas relacionada a barreiras no acesso de políticas e serviços, mas ao encobrir vivências coletivas, como repressão da livre expressão e lutas das pessoas em situação de vulnerabilidade (Tavares, Catalan, Romano & Melo, 2016; Carmo & Guizardi, 2018).

Conforme pesquisa realizada pela Organização Não Governamental (ONG) *Transgender Europe*, no Brasil, entre os anos de 2008 e 2015, foram registrados 802 homicídios de pessoas trans. Este resultado mostra que o país é o que mais mata pessoas trans no mundo, dentre os 65 países listados, sendo que em segundo lugar está o México com 229 assassinatos neste mesmo período. Os dados supracitados são de característica violenta, o que indica escassez de estudos que informem dados de escolaridade e mercado de trabalho da população trans (Transgender Europe, 2016; Almeida & Vasconcellos, 2018).

Um levantamento brasileiro de dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2020a), apontou que, apenas no primeiro semestre do ano de 2020, foram registrados 89 assassinatos às pessoas trans, revelando aumento de 39% de homicídios em comparação ao mesmo período de 2019. Outro dado obtido foi que, no Brasil, a probabilidade de uma pessoa trans ser assassinada é 8,6 vezes maior que nos Estados Unidos, pois no primeiro semestre de 2020 foram registrados 16 assassinatos de pessoas trans e, em território brasileiro, este número chegou a 89 homicídios.

No Brasil, é possível dizer que as travestis são alvo de muita discriminação, já que estas pessoas não se enquadram nos padrões normativos de gênero e sexualidade esperados pela sociedade. Em prol disso, é possível que não reconheçam seus direitos e acabem banalizando sua exclusão social, comumente aceitando a prostituição como única forma de sobrevivência, diante do difícil acesso ao mercado de trabalho baseados na heteronormatividade (Amorim, Vieira & Brancaleoni, 2013).

Conforme discriminação supramencionada, sobressaem as dificuldades relacionadas ao estudo e profissionalização de travestis. Um dos motivos que empregadores alegam para não contratá-las é que poderiam comprometer a imagem da empresa por causa da sociedade preconceituosa em que vivem. Conseqüentemente, muitas optam por ser profissional do sexo ou, as que evitam trabalhar neste ramo, não recebem remuneração suficiente (Amorim et al, 2013).

Na saúde, torna-se desproporcional o predomínio do vírus da imunodeficiência humana (HIV) na população trans e estima-se que, dentre 15 países estudados, 19,1% desta população tem prevalência de HIV, índice 48,8 vezes maior do que em pessoas cisgêneros, destes países. No Brasil, de acordo com o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), as chances de travestis serem infectadas por HIV é 49 vezes maior que a população geral em idade de reprodução. A abrangência de relação sexual anal comercial sem a devida proteção é denominada como o principal agente relacionado à infecção do vírus, consecutivamente está o uso de substâncias abusivas. Entre 2016 e 2017, a Pesquisa Divas, financiada pelo Ministério da Saúde e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizada em 12 municípios brasileiros com participação de 4.700 travestis e mulheres transexuais, mostra que a taxa de contágio por HIV e sífilis é muito alta e sofre variações em diferentes cidades (Magno, Silva, Veras, Pereira-Santos & Dourado, 2019; Ministério da Saúde, 2017).

Outra vivência violenta relatada por travestis é no acesso aos serviços de saúde, pois sofrem com casos de travestifobia de profissionais e equipamentos de saúde ao buscar serviços transexualizadores, o que pode refletir em sofrimento psicológico. Dessa forma, embora apresentem situações clínicas graves (como o HIV), raramente esta população recorre aos cuidados de instituições deste segmento (Rocon, Wandekoken, Barros, Duarte & Sodré, 2020).

Através de questionamentos à população trans sobre formas de violências sofridas em suas vivências, foi possível perceber que todas as falas direcionavam à discriminações por equipes de saúde e escolar, apontando discursos e práticas patologizadoras. Na saúde, a Portaria nº 457, criada em 19 de agosto de 2008 pelo Ministério da Saúde, possibilita a iniciação do processo transexualizador, porém não há citação da identidade de gênero travesti para o acesso aos procedimentos sugeridos, o que torna possível a não legitimação dessas identidades (Melo, 2019). Com isso, se faz necessário lembrar da orientação aos psicólogos e psicólogas em sua função profissional, na Resolução CFP nº 01/2018, de uma atuação que vise não considerar patologicamente os viveres das travestilidades e transexualidades, contribuindo para a eliminação da transfobia (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

Todavia, a população trans está mais suscetível à procedimentos medicamentosos e interações para modificação de identidades de gênero, evidenciando a persistência da patologização e aniquilação das subjetividades dessas pessoas. Isolamento social, humilhação, exposição, desqualificação e julgamentos são exemplos de práticas realizadas por esses procedimentos, assim como tortura física e psicológica, culpabilização e práticas

de reversão da identidade de gênero. Independentemente de quais sejam os métodos utilizados, todos infringem direitos das pessoas (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Com isto, é feita a reflexão quanto a possibilidade de a vulnerabilidade social estar relacionada com o surgimento ou agravamento de problemas psíquicos, pois estes estão socialmente relacionados como estratégia de sobrevivência por pessoas em condições de vida precárias. Quanto a responsabilização do indivíduo para gerar mudança em sua situação, comportamentos sofrem influências sociais e ressalta-se a necessidade da disposição de meios econômicos, jurídicos, culturais e políticos que se distribuem de forma desigual na sociedade. Deste modo, mesmo sem escolher classe social, o sofrimento psíquico é observado em maior escala na população mais vulnerável (Tonin & Barbosa, 2017).

E ao abordar sobre saúde mental, é necessário ressaltar informações sobre suicídio abordadas na relevância deste estudo, em que mostra não haver dados exatos da OMS quanto à população trans, mas estima-se que, no Brasil, 42 a 46% da população trans já tentou suicídio e na população brasileira em geral a prevalência é de 4,6% (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018). Um levantamento aprofundado do Grupo Gay da Bahia conseguiu apontar que, em 2019, dentre a porcentagem de brasileiros e brasileiras LGBTQ+ que se suicidaram, 9,38% eram travestis. Além disso, neste mesmo ano, 27,05% das vítimas de mortes violentas contra a comunidade LGBTQ+, no Brasil, foram as travestis (Mott & Oliveira, 2020).

Em relação ao ano de 2020, no Brasil, no primeiro semestre do ano foram registrados 14 suicídios de pessoas trans, dentre delas 9 eram travestis/mulheres trans. Em comparação com o ano de 2019, durante todo o ano foram mapeados 14 suicídios desta população, sendo 11 travestis/mulheres trans. Estes dados, juntamente com as informações supracitadas de assassinatos à população trans, indicam crescimento de homicídios e suicídios em comparação com o ano anterior (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2020a).

### **Sentido de Vida**

Ao entrar no viés da Psicologia, a teoria da logoterapia, criada por Viktor Frankl, conscientiza as pessoas de que são responsáveis pelas questões impostas em suas vidas e que, ao fazer determinada escolha, abandonarão outras opções. Ou seja, só se pode escolher realizar uma possibilidade frente a milhares. Por buscar melhorar a qualidade de vida e por focar na atitude das pessoas em relação aos sintomas apresentados, a logoterapia é conhecida como terapia do sentido, pois *logos* significa sentido, o que indica um campo noológico ou espiritual. Esta dimensão noológica refere-se à liberdade humana na busca do sentido de

vida, já que se coloca diante de cada configuração do ser biológico e psicológico (Silveira & Gradim, 2015, Frankl, 2005).

A logoterapia não possui função de fornecer ao paciente um sentido de existência, mas de torná-lo capaz de encontrar o sentido de sua existência, por meio da ampliação de suas perspectivas, para que consiga discernir a completude das possibilidades que o rodeiam. Assim, ao tomar consciência de sua responsabilidade perante suas escolhas e sua vida, o sujeito poderá vislumbrar as opções e decidir sozinho, de forma responsável. Dessa forma, sempre há situações passíveis de escolhas, pois a vida continuará, até o fim, oferecendo possibilidades (Frankl, 2005).

Entretanto, *logos* não significa apenas sentido, mas espírito e diz respeito ao querer do ser humano pela existência dotada de sentido e a possibilidade de frustração deste anseio. Desse modo, noológico ou espiritual está relacionado com o sentido de vida, de existência, assim como a vontade de sentido. E, ao abordar estas questões, a logoterapia busca fazer com que o paciente tenha consciência do que ele anseia mais profundamente (Frankl, 2011).

Com isso, a visão de ser humano proposta pela logoterapia é da totalidade do indivíduo, visto que considera as três possíveis dimensões da existência humana: o biopsicoespiritual, ou seja, corpo físico, psíquico e noológico. O campo espiritual é aquele não explicado pela psiquiatria, pois não está no psíquico e nem no biológico, mas é a existência, algo que deve ser realizado. E, para entender o indivíduo na sua totalidade, a logoterapia se baseia em três pilares fundamentais: liberdade de escolha, vontade de sentido e sentido de vida (Xausa, 1988).

O primeiro pilar, liberdade de escolha, foi mencionado e explicado anteriormente como a responsabilidade do ser humano em perceber as possibilidades e decidir de forma responsável quanto às suas escolhas (Frankl, 2011). O segundo, vontade de sentido, é a principal força motivadora de um indivíduo e não deve ser entendida como um simples desejo, mas como algo, um sentido de vida a ser cumprido (Frankl, 2003). E o terceiro, o sentido de vida, é a potencialidade de algo frente à existência, devendo ser descoberto pelo indivíduo como um sentido a ser cumprido e compreendido como algo pelo que viver (Xausa, 1988).

Assim sendo, a busca pelo sentido de vida é o esforço para que seja cumprido, de melhor forma possível, o sentido da existência de cada ser humano (Frankl, 2011). Todavia, frequentemente, aparecem pessoas com sentimento de vazio existencial, resultado da dúvida e desesperança no sentido da vida, quando o indivíduo não sabe onde chegar ou para onde está indo. Dessa forma, acredita-se que a origem dessa sensação, no sujeito, está no não saber por que viver, apesar de ter meios suficientes com o que viver, falta-lhe sentido. Ou seja, o

ser humano sente o querer, mas não sabe o que quer e, com isso, perde a sabedoria do sentido (Silveira & Gradim, 2015).

A perda dessa sabedoria do sentido é vista como natural no humano, não como patologia. Apesar de apresentar reações patológicas, trata-se de um sofrimento. Assim, a logoterapia é direcionada para cuidar dos sentidos vividos e a possível vivência de novos sentidos, sendo que somente através da relação inter-humana é viável o encontro de motivação e propósito para a existência (Silveira & Gradim, 2015; Neto & Andrade, 2017).

O indivíduo vivencia momentos de tristeza, insatisfação, perda de criatividade, de propósitos e metas. Assim, de forma despercebida, o vazio existencial pode acompanhar o ser humano por longos períodos de sua vida, pois apesar de prolongado e desconfortável, os sintomas não apresentam crises agudas (Rodrigues, 1991)

No entanto, quando há frustração na busca de sentido, sintomas como o alcoolismo, a violência, a depressão e o suicídio são aspectos patológicos que surgem do âmbito psicológico ou espiritual. Estes sintomas podem ser entendidos como conflitos de consciência, de valores e de frustração existencial. Por conseguinte, os comportamentos sintomatológicos supracitados resultam como consequência e tentativa de solução do vazio existencial (Frankl, 2003; Frankl, 2011).

Apesar da satisfação de necessidades básicas, muitas pessoas relatam ideação suicida ou cometem suicídio. A logoterapia pode explicar isso pela tendência genuína do ser humano de descobrir um sentido em sua vida e realizá-lo, porém, quando este sentido de vida é frustrado, podem apresentar essa sintomatologia (Frankl, 2003). Desta forma, é possível compreender que o ser humano “não adoce quando encontra um sentido (noos) para sua vida” (Xausa, 1988, p. 150).

Ao falar sobre suicídio, é importante refletir quanto à tríade trágica, composta por circunstâncias que podem conter dor, culpa e morte; e sobre o otimismo trágico, que presume o potencial de sentido de vida por mais que as circunstâncias sejam miseráveis. Com isso, é possível que, por mais que um suicida não sentisse falta de sentido, ele poderia superar o impulso de tirar sua vida se tivesse consciência de um propósito à que viver (Frankl, 2005). Ou seja, “uma forte percepção de sentido cumpre um papel decisivo na prevenção do suicídio” (Frankl, 2005, p. 81).

Compreendido isso, sem saber como preencher o espaço deixado pelo vazio existencial, as pessoas podem substituir o vazio pela busca do prazer e do poder. Contudo, é possível que a autorrealização por meio da satisfação do prazer e da felicidade conduzam ao vazio existencial, pois a autorrealização deve ser consequência do sentido de vida e não a sua finalidade. Logo, sexo inseguro, prostituição e uso de substâncias psicoativas podem

revelar a manifestação do vazio existencial, na busca de preencher a falta de sentido e fuga de conflitos e da realidade (Silveira & Gradim, 2015; Ferreira, Kratsch & Sagaz, 2016).

Há, também, o vazio existencial coletivo, causado pela forma como as sociedades globais atuais vivem, o que facilita o surgimento do sofrimento e da depressão. São pontuados quatro sintomas para o vazio existencial coletivo: “atitude provisória, postura fatalista diante da vida, pensamento coletivista e fanatismo” (Silveira & Gradim, 2015, p.157). Esses sintomas se caracterizam pela fuga da realidade e temor à liberdade, e são definidos como

a atitude provisória seria a falta de decisão por parte da pessoa, assumir uma postura fatalista significa acreditar que é impossível lutar contra o que a vida lhe apresenta, apresentando-se em atitude passiva. Quando a pessoa se volta para o pensamento coletivista, não assume sua individualidade –torna-se uniforme com a massa. Já o fanático aceita apenas sua própria opinião, ignorando que o outro possa pensar diferentemente. (Silveira & Gradim, 2015, p.157)

No viver em sociedade, devido à influência de fatores biológicos, psicológicos e sociais sobre o comportamento humano, não há como evitar o destino das condições de vida. As pessoas podem ser privadas de tudo, mas possuem a liberdade de se posicionarem ao que a vida lhes apresenta (Frankl, 2005). Desta forma, para indivíduos que vivem com HIV, não há como eliminar o vírus de seus corpos, entretanto, são livres para tomar atitudes em relação à doença e criar objetivos para suas vidas. Pela infecção se dimensionar no âmbito psicofísico do ser humano, é através do campo noológico que as pessoas encontram a possibilidade de superação e fortalecimento. Assim, ainda que em sofrimento e vivenciando adversidades, conseguem encontrar um sentido de vida (Ferreira et al, 2016).

No caso dos desempregados, a pressão psicológica sofrida possui mais impacto que a anulação financeira e, mesmo que se encontrem em um ambiente desfavorável e de exclusão, o desejo pela busca do sentido de vida serve como motivação. Assim, há três formas de conseguir isto: através da realização de uma ação notável ou novo trabalho, da vivência de um novo relacionamento pessoal e do sofrimento inexorável. Visto que o trabalho pode proporcionar a visão de responsabilidade nas escolhas tomadas frente às condições de vida, quando ocorre o desemprego, percebe-se maior ausência de sentido de vida. No que se refere às relações pessoais, em situação de exclusão social, a pessoa pode ser motivada por atribuir significados positivos que vivenciem o amor e a bondade, pois sempre é capaz de amar e ser amado e isso lhe fornece subsídio para suportar o que quer que seja. E por fim, o sofrimento ganhará significado quando o indivíduo fizer escolhas responsáveis que oportunizarão a possibilidade de passar os obstáculos. Desta forma, a dor

é capaz de fazê-lo olhar para si, reconhecer seus limites e superá-los, assim, ao sofrer, o sujeito possui a oportunidade de tornar pleno o maior significado da vida (Campos & Cunha, 2016).

Entendido isso, o tratamento previsto para quem sofre de patologias referentes ao vazio existencial diz respeito à contribuição para que o indivíduo encontre sentido de vida e como resultado terá apoio e cuidado próprio, conseguindo se autotranscender, ou seja, realizar a si mesmo e superar a si próprio. É imprescindível lembrar que a pessoa é responsável pela percepção do sentido de vida, sendo o terapeuta o facilitador (Frankl, 2005). Neste ponto de vista, o sentido também pode ser encontrado ao criar uma obra e ao entregá-la ao mundo, como por exemplo ao produzir uma obra artística a pessoa pode transcender “a sua esfera para algo no mundo” (Aquino et al. 2011, p. 149). Pois, ao preencher o vazio existencial, o indivíduo estará protegido às possíveis reincidências patológicas (Frankl, 2011).

Outra forma importante de lidar com as possíveis patologias advindas da manifestação do vazio existencial é na prevenção do vazio existencial ao aumentar a percepção de sentido, pois dessa maneira torna-se possível evitar as ocorrências patológicas no campo psicofísico. Tendo em vista que o homem moderno perdeu a sabedoria do que fazer de sua existência frente à ausência dos instintos e das tradições que o guiavam, pode acabar por seguir os mandamentos e ordens de outros, o que o torna dependente das variáveis ambientais para obter um sentido (Aquino et al. 2011; Frankl, 2005). Desta forma, o vazio existencial se mostra em forma de tédio e na conformidade do ser humano com o que lhe é apresentado (Frankl, 2005)

Portanto, é indispensável destacar que nem sempre o vazio existencial aparecerá de forma patológica, já que se trata de algo natural à humanidade. Contudo, pode haver manifestação de sintomas patológicos como depressão, agressão e drogadição como consequência da falta de sentido. Consequentemente, a logoterapia se faz fundamental para contribuir no preenchimento do sentimento de vazio (Frankl, 2005).

## MÉTODO

### **Delineamento**

A presente pesquisa é caracterizada como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo. A forma de estudo qualitativo analisa e dá significado a questões mais profundas do comportamento humano, na busca de alcançar sua complexidade (Marconi & Lakatos, 2011).

Buscou-se, através de pesquisas exploratórias, abranger uma visão geral e aproximada do tema estudado. Os estudos poderão ser utilizados em projetos futuros, pois possibilitam “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos” (Gil, 2008, p. 27).

Por fim, de maneira harmônica, as pesquisas interpretativas visam obter “um sentido mais amplo para os dados analisados, o que se faz mediante sua ligação com conhecimentos disponíveis, derivados principalmente de teoria” (Gil, 2008, p. 178).

### **Fontes**

Para desenvolver esse estudo, foi utilizada o artefato cultural “Segunda Chamada” como fonte de pesquisa (Lira & Jabace, 2019). Trata-se de uma série de televisão possui uma temporada que é dividida em 11 episódios com duração média de 45 minutos, do gênero drama. É uma produção brasileira que conta, durante o período de um ano letivo, o dia a dia escolar e as relações entre alunos e professores da Escola Estadual Carolina Maria de Jesus, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. A atenção principal está focada na personagem Lúcia, uma das professoras da trama que, depois de um tempo afastada, volta a lecionar e se empenha para que seus alunos sejam aprovados ao final do período letivo. Durante todos os episódios, além de mostrar as relações entre alunos e professores, a série enfatiza a história pessoal e dificuldades encontradas por cada personagem. Dessa forma, para dar conta do objetivo geral do trabalho, o foco principal da pesquisa será nas cenas em que aparece a personagem Natasha. Por ser uma travesti e sofrer travestifobia, Natasha abandonou os estudos quando adolescente, mas voltou a estudar na modalidade EJA para se formar no Ensino Médio. No decorrer da história, a personagem sofre diversas formas de violências de seus colegas por causa de sua identidade de gênero, o que desperta várias emoções nela e nas pessoas ao seu redor. Fora da escola, algumas cenas mostram seu dia a dia no trabalho e em sua casa, enfatizando sua relação amorosa.

## **Instrumentos**

Para realização desse trabalho foi utilizada uma tabela, cujo propósito foi agrupar, de forma simples, os dados apresentados para serem integrados e explorados na redação posterior a tabela (Laville & Dionne, 1999). As cenas da série de televisão “Segunda Chamada” (2019), foram selecionadas para que a identificação e visualização ocorressem de maneira mais compreensível e, posteriormente, transcorreu-se a transcrição e categorização em uma tabela com a finalidade de abranger o objetivo geral desse estudo.

## **Procedimentos**

- Análise exploratória do seriado de televisão “Segunda Chamada”.
- Identificação das cenas condizentes ao problema da pesquisa.
- Seleção e transcrição das cenas na tabela.
- Categorização das cenas.
- Análise de conteúdo pela estratégia de emparelhamento.

## **Referencial de Análise**

Para análise e interpretação das cenas selecionados utilizou-se análise de conteúdo, cuja base “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (Laville & Dione, 1999, p. 214).

A análise de conteúdo é composta por três fases sucessivas: recorte dos conteúdos, definição de categorias e categorização final das unidades de análise. A primeira fase é caracterizada pelo recorte das informações dos dados coletados que, em seguida, irão compor unidades de análise (Laville & Dione, 1999).

Na segunda etapa, é feita a definição de categorias analíticas, em que as informações com significação similares são agrupadas. Neste momento é possível a utilização de modelos abertos, fechados ou mistos, conforme os objetivos e conhecimentos do pesquisador. Nesse estudo, lançou-se mão do modelo aberto, que é escolhido, principalmente, quando o pesquisador não tem muito conhecimento sobre o assunto e, portanto, as categorias não são definidas no início, mas em etapas consecutivas, *a posteriori*, desta forma as categorias finais são estabelecidas no decorrer do processo (Laville & Dione, 1999).

No último momento da análise de conteúdo, a categorização final, permite o restabelecimento dos dados e significados que foram levantados. “Trata-se de considerar uma a uma as unidades à luz dos critérios da grade de análise para escolher a categoria que convém melhor a cada uma” (Laville & Dione, 1999, p. 223).

Como estratégia de análise e de interpretação qualitativa foi utilizado o emparelhamento. Pois, por meio do emparelhamento é possível associar os dados selecionados com o aporte teórico, com a finalidade de fazer uma comparação entre as informações investigadas e a teoria existente (Laville & Dione, 1999).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no objetivo sugerido neste trabalho, buscou-se responder ao problema de pesquisa com o apoio de um artefato cultural. Dessa forma, após assistir aos 11 episódios do seriado “Segunda Chamada”, foram selecionados os episódios 1, 2 e 6 para fazer a seleção de 14 cenas que coincidisse com os objetivos específicos que são: caracterizar identidade de gênero e travestilidade; caracterizar vulnerabilidade social e caracterizar vazio existencial na perspectiva da logoterapia; foram elaboradas 3 categorias para análise do conteúdo. As 3 são representadas por: travestilidade, vulnerabilidade social e vazio existencial. Com sustentação na revisão de literatura, estas categorias foram decompostas em unidades de análise, contendo aspectos pertinentes para responder ao problema de pesquisa.

Na sequência, é possível observar as categorias, unidades de análise e respectivas cenas na Tabela 1.

Tabela 1

*Categorias, unidades de análise e cenas*

Categorias	Unidades de Análise	Cenas
1. Travestilidade	Visão de si	Episódio 1: Cena 2 (00:03:38 – 00:03:52) Cena 4 (00:09:28 – 00:09:49)
	Binariedade masculino/feminino	Cena 7 (00:18:58 – 00:19:50) Cena 8 (00: 20:21 – 00:20:56)
	Heteronormatividade	Episódio 6: Cena 12 (00:00:46 – 00:02:50)
2. Vulnerabilidade Social	Exclusão social	Episódio 1: Cena 1 (00:00:55 – 00:03:03)
	Violência	Cena 2 (00:03:38 – 00:03:52) Cena 3 (00:05:25 – 00:06:47) Episódio 2: Cena 10 (00:01:25 – 00:01:57)

		Cena 11 (00:14:02 – 00:14:23)
	Educação	Episódio 1: Cena 7 (00:18:58 – 00:19:50) Cena 9 (00:25:05 – 00:25:31)
3. Vazio Existencial	Falta de sentido	Episódio 1: Cena 5 (00:14:48 - 00:14:54) Cena 6 (00:15:06 – 00:15:34)
	Tristeza	Cena 9 (00:25:05 – 00:25:31) Episódio 6: Cena 13 (00:03:19 – 00:10:22) Cena 14 (00:20:13 – 00:23:00)
	Desesperança	Episódio 1: Cena 4 (00:09:28 – 00:09:49) Cena 9 (00:25:05 – 00:25:31) Episódio 6: Cena 14 (00:20:13 – 00:23:00)

---

Fonte: a autora, 2020.

A Categoria 1, travestilidade, foram identificadas três unidades de análise, com o propósito de apresentar conceitos em que a observação foi possível no artefato selecionado. Para dar conta do primeiro objetivo específico deste estudo, caracterizar identidade de gênero e travestilidade, foram identificadas as unidades: visão de si, binariedade masculino/feminino e heteronormatividade. Com base nisso, composta pela descrição das cenas e suas unidades de análise específicas, foi criada a Tabela 2, conforme segue.

Tabela 2

*Categoria 1: Travestilidade*

Cenas	Unidades de análise
Cena 2: Natasha está tendo as unhas das mãos pintadas por uma colega no pátio da	Visão de si

escola e um aluno grita “ei Robson, mata no peito!”, então chuta uma bola de futebol no abdômen de Natasha. Em resposta, Natasha grita “cê é idiota, cara. E meu nome não é Robson.” Na sequência ela se dirige para o interior do prédio escolar, se afastando de todas as pessoas.

Cena 4: Natasha está caminhando no corredor da escola com sua amiga que solicita para que ela pare de usar o banheiro masculino e comece a usar o feminino, mas indicando seu corpo Natasha diz “Ai amiga, é o que eu mais quero, mas olha pra mim. Olha pra mim. Eu só vou arrumar outro problema.”

Visão de si

Cena 7: Natasha decide usar o banheiro feminino, mas é impedida de entrar por uma senhora que indica que ela use o masculino, e Natasha diz “Dona Jurema, se eu entro lá agora não sei se eu saio viva.” Porém, a senhora não permite que Natasha entre no banheiro feminino e, em seguida, Natasha informa que sairá da escola se não puder usar o banheiro.

Binariedade homem/mulher

Cena 8: Após não poder utilizar o banheiro de alunos, a professora Lúcia quer que Natasha use o banheiro dos professores, mas outra professora discorda e elas começam a discutir. Entretanto, sem conseguir aguentar, Natasha urina no balde de lixo.

Binariedade homem/mulher

Cena 12: Natasha e seu namorado estão na casa dela e começam a discutir. O motivo da discussão é ele não querer assumir o namoro por ela ser travesti. Eles terminam o namoro e Natasha se senta em frente ao espelho, tira a peruca e fica olhando para seu rosto, sem demonstrar emoções.

Heteronormatividade

---

Fonte: a autora, 2020.

Na primeira unidade de análise, visão de si, foram selecionadas as cenas 2 e 4. A frase “E meu nome não é Robson”, destacada na cena 2, refere-se à forma em que a personagem não gosta de ser chamada, ou seja, pelo nome escolhido de acordo com seu sexo biológico. Com isso, torna-se importante enfatizar que no meio trans a genitália não é determinante para definir homem ou mulher, assim como masculino e feminino (Bagagli, 2017). E as travestis podem ser consideradas como identificações e expressões de gênero relacionadas a feminilidade (Oliveira, Porcino, Campos, Reale & Souza, 2019). Conforme definido pelos autores, por se identificar com o gênero feminino, a personagem prefere ser chamada de Natasha. Entretanto, na cena 4, em destaque a frase “Ai amiga, é o que eu mais quero, mas olha pra mim. Olha pra mim. Eu só vou arrumar outro problema.” A personagem se refere a não utilizar o banheiro feminino, pois arrumará outro problema. Assim, é possível relacionar esse recorte com a cisnormatividade, nas quais as normas cisgêneras podem se manifestar em práticas sociais e sexuais baseadas na exclusão de identidades que não podem existir, caso contrário, serão caracterizadas como inviáveis (Bagagli, 2017). Isto é, para a personagem torna-se inviável a utilização do banheiro feminino, pois apesar de se identificar com a feminilidade, Natasha parece saber que não segue a cisnormatividade e, com isso, teria mais um problema com o qual lidar.

A segunda unidade de análise, binariedade masculino/feminino, pode ser vista na cena 7, na qual está destacada a frase “Natasha decide usar o banheiro feminino, mas é impedida de entrar por uma senhora que indica que ela use o masculino”. Esse trecho exemplifica a separação dos banheiros por meio da binariedade masculino e feminino, representados pelo sexo biológico de nascimento de uma pessoa (Petry, 2015). Porém, pelo padrão normativo cisgênero da sociedade, as pessoas transgêneras podem ser vistas como desviantes da norma, o que possibilitará discriminações e exclusões (Almeida & Vasconcellos, 2018). Com isso, é possível perceber a discriminação e exclusão sofrida pela

personagem em outra cena selecionada para a segunda unidade de análise, a cena 8, em destaque a frase “Natasha urina no balde de lixo”. Pois, por ser vista como desviante da norma e não poder utilizar os banheiros disponíveis na escola, a única forma encontrada de satisfazer suas necessidades fisiológicas foi usar o balde de lixo como vaso sanitário.

Para finalizar a primeira categoria, foi criada a terceira unidade de análise, a heteronormatividade. Essa terminologia pode ser entendida como organizadora da sociedade ocidental, definindo práticas sexuais e pessoas heterossexuais como privilegiadas e normais. Assim, gênero e sexualidade passam por uma regulação heteronormativa que caracteriza o estilo de vida normal esperado pela sociedade diante da binariedade homem/mulher e este âmbito pode ser entendido como excludente (Bagagli, 2017). Assim, a cena 12, com destaque em “Natasha e seu namorado estão na casa dela e começam a discutir. O motivo da discussão é ele não querer assumir o namoro por ela ser travesti.”, reflete a definição proposta pelo autor de heteronormatividade, pois por ser travesti Natasha não é vista como normal pela sociedade, o que pode levar seu namorado a excluí-la de sua vida social.

A Categoria 2, vulnerabilidade social, foi fragmentada em três unidades de análise, com o propósito de corresponder ao segundo objetivo específico deste trabalho, caracterizar vulnerabilidade social. Foram identificadas as unidades: exclusão social, violência e educação. Com base nisso, composta pela descrição das cenas e suas unidades de análise específicas, foi criada a Tabela 3, conforme segue.

Tabela 3

*Categoria 2: Vulnerabilidade social*

Cenas	Unidades de análise
Cena 1: cenas do cotidiano da comunidade ao redor da escola, <u>aparentando ser um bairro de habitações populares de pessoas com baixa renda</u> . Em seguida, são introduzidos alguns personagens em seus deveres diurnos e <u>uma das personagens é Natasha, que aparece trabalhando como cobradora de ônibus urbano</u> .	Exclusão social
Cena 2: Natasha está tendo as unhas das mãos pintadas por uma colega no pátio da	Violência

escola e um aluno grita “ei Robson, mata no peito!”, então chuta uma bola de futebol no abdômen de Natasha. Em resposta, Natasha grita “você é idiota, cara. E meu nome não é Robson.” Na sequência ela se dirige para o interior do prédio escolar, se afastando de todas as pessoas e mostra o dedo médio da mão em direção à área externa da escola.

Cena 3: No banheiro masculino, Natasha está sozinha com dois jovens, um deles foi o que chutou a bola em seu abdômen e ele se dirige a ela falando “Viado” o que faz com que Natasha vire para ele e diga “Travesti, querido. Por quê? Algum problema? Vai peitar?”, Natasha pega sua mochila e se dirige para a saída do banheiro. Porém, o jovem agarra sua nuca e empurra a cabeça dela em direção ao vaso sanitário. O outro jovem tenta impedir o amigo, mas não consegue. Entretanto, Natasha usa o momento de distração do agressor para referir-lhe uma cotovelada e aponta uma navalha, que estava escondida em sua calça, para o agressor, dizendo “Vem agora, babaca!” e ele responde “Se eu te pegar aqui de novo te dou uma surra.”, nisso Natasha finaliza dizendo “Pega aqui agora se não é macho, filho da puta” e nisso o amigo do jovem puxa ele para fora do banheiro.

Violência

Cena 10: Natasha está trabalhando como cobradora de ônibus e um homem a encara

Violência

fixamente, como uma ameaça. Então, ela abre uma apostila de estudos e deixa uma navalha visível para ele. Após isso, o homem se encaminha para o interior do ônibus e Natasha guarda sua navalha na mochila.

Cena 11: Professora Eliete e Natasha conversam sobre Natasha carregar uma navalha no bolso da calça e, por se tratar de uma arma, ela não pode entrar armada na escola. Para responder, Natasha pergunta: “Mas eu posso ser espancada aqui dentro? Eu tenho medo. Eu saio de casa todos os dias e eu não sei se eu volto viva.”

Violência

Cena 7: Natasha decide usar o banheiro feminino, mas é impedida de entrar por uma senhora que indica que ela use o masculino e Natasha diz “Dona Jurema, se eu entro lá agora não sei se eu saio viva.” Porém, a senhora não permite que Natasha entre no banheiro feminino e, em seguida, Natasha informa que sairá da escola se não puder usar o banheiro.

Educação

Cena 9: Natasha está decidida a parar de estudar naquela escola quando a professora Lúcia entra na sala e insiste para que Natasha não vá embora. Com lágrimas nos olhos, Natasha responde “Eu tô cansada de tanta humilhação aqui dentro dessa escola, professora.” Com isso, as duas se abraçam e Natasha chora.

Educação

A cena 1, na primeira unidade de análise, exclusão social, destacou-se a frase “aparentando ser um bairro de habitações populares de pessoas com baixa renda”, referente à comunidade na qual Natasha está inserida. Assim sendo, a população de baixa renda tende a ficar privada ou com maior dificuldade de acesso aos recursos de superação das vulnerabilidades vividas (Carmo & Guizardi, 2018). Outro recorte da cena 1 foi “uma das personagens é Natasha, que aparece trabalhando como cobradora de ônibus urbano.” Empregadores não contratam travestis alegam ter medo de comprometer a imagem da empresa por causa da sociedade preconceituosa em que vivem. Consequentemente, muitas optam por ser profissionais do sexo ou, as que evitam trabalhar neste ramo, não recebem remuneração suficiente (Amorim et al, 2013). Entretanto, contrapondo-se ao relato dos autores, Natasha aparece empregada como cobradora de ônibus e, durante a cena selecionada, ela não parece sofrer preconceito do motorista com quem trabalha ou das pessoas ao seu redor. Contudo, por causa da exclusão social vivenciada por travestis, muitas acabam aceitando a prostituição como única forma de sobrevivência, diante do difícil acesso ao mercado de trabalho baseados na heteronormatividade (Amorim et al, 2013).

Em contrapartida, é possível perceber vínculo da criminologia com a sociedade desigual e excludente, pois a população nestas condições é mais passível a vivências violentas (Tavares et al, 2016). Entendido o que foi relatado pelos autores, pode-se fazer uma relação entre a primeira unidade de análise com a segunda, violência, que pode ser analisada nas cenas 2, 3, 10 e 11. O destaque na cena 2 é “um aluno grita ‘ei Robson, mata no peito!’, então chuta uma bola de futebol no abdômen de Natasha.” Na cena 3, foram destacadas as seguintes frases: “ele se dirige a ela falando ‘Veado’ o que faz com que Natasha vire para ele e diga ‘Travesti, querido. Por quê? Algum problema? Vai peitar?’”, “o jovem agarra sua nuca e empurra a cabeça dela em direção ao vaso sanitário” e “Se eu te pegar aqui de novo te dou uma surra.” Na cena 10, a frase “Natasha está trabalhando como cobradora de ônibus e um homem a olha fixamente, como uma ameaça.” Todos os trechos selecionados são de caráter discriminatório e violento, possivelmente motivados em razão da identidade de gênero de Natasha. Logo, se faz necessário lembrar que no Brasil, é possível dizer que as travestis são alvo de muita discriminação, já que estas pessoas não se enquadram nos padrões normativos de gênero e sexualidade esperados pela sociedade (Amorim, Vieira & Brancaleoni, 2013). E, por fim, a cena 11, com ênfase na frase: “Mas eu posso ser espancada aqui dentro? Eu tenho medo. Eu saio de casa todos os dias e eu não sei se eu volto viva.” O medo de Natasha de não saber se voltará viva após sair de casa é condizente com a pesquisa que mostrou que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo

(Transgender Europe, 2016) Assim como, em 2019, 27,05% das vítimas de mortes violentas contra a comunidade LGBTQ+, no Brasil, foram as travestis (Mott & Oliveira, 2020). Em prol disso, calcula-se que a expectativa de vida das pessoas trans seja de aproximadamente 35 anos e, por se encontrarem em grande vulnerabilidade social, estima-se que a maioria destas pessoas sejam analfabetas ou semianalfabetas. (Almeida & Vasconcellos, 2018).

Por esse motivo, a terceira unidade de análise da segunda categoria foi definida como educação, perceptível nas cenas 7 e 9. Os trechos destacados das cenas 7 e 9 são, respectivamente, “Natasha informa que sairá da escola se não puder usar o banheiro.” e “Natasha está decidida a parar de estudar naquela escola”. Essas passagens mostram as consequências das discriminações sofridas por Natasha dentro dos portões da escola, pois nas duas falas ela informa uma possível evasão escolar. Ainda na cena 9, Natasha informa “Eu tô cansada de tanta humilhação aqui dentro dessa escola, professora.” O que reforça a vulnerabilidade de Natasha em continuar os estudos frente aos preconceitos e às violências sofridas. E, quando perguntam às pessoas trans sobre formas de violências sofridas em suas vivências, todas as falas tendem a direcionar a discriminações por equipes de saúde e escolares, apontando discursos e práticas patologizadoras e discriminatórias (Melo, 2019).

A Categoria 3 é referente ao vazio existencial apresentando pela teoria de Viktor Frankl, a logoterapia. Nessa categoria, foram apontadas três unidades de análise, com o propósito de compreender o terceiro objetivo específico deste estudo, caracterizar vazio existencial na perspectiva da logoterapia. Foram identificadas as unidades: falta de sentido, tristeza e desesperança. Com base nisso, composta pela descrição das cenas e suas unidades de análise específicas, foi criada a Tabela 4, conforme segue.

Tabela 4

*Categoria 3: Vazio existencial*

Cenas	Unidades de análise
Cena 5: <u>Natasha está sentada em seu lugar na sala de aula, sem prestar atenção na explicação da professora, com a cabeça encostada na janela e com olhar vago.</u>	Falta de sentido
Cena 6: Durante uma conversa sobre música, a professora diz a Natasha “Por isso eu tô estranhando você assim hoje, toda	Falta de sentido

borocochô. E sua poesia?” Parecendo desanimada, Natasha faz sinal negativo com a cabeça e informa “Tem dia que não tem poesia não, professora.”, então se retira da sala com a cabeça baixa.

Cena 13: Natasha está sentada na frente do espelho no camarim do teatro da escola, demonstrando tristeza. Pega um batom e pinta sua boca de vermelho, igual a um sorriso de palhaço.

Tristeza

Cena 9: Natasha está decidida a sair da escola quando a professora Lúcia entra na sala e insiste para que Natasha não vá embora. Com lágrimas nos olhos, Natasha responde “Eu tô cansada de tanta humilhação aqui dentro dessa escola, professora.” Com isso, as duas se abraçam e Natasha chora.

Tristeza  
Desesperança

Cena 14: Natasha desiste de participar da apresentação teatral da escola e fica sentada abraçada à suas pernas chorando. Quando questionada por uma professora, diz que a pessoa que ela ama tem vergonha do corpo dela, de quem ela é e finaliza com “amor não é coisa pra travesti” e “eu sou sozinha.”

Tristeza  
Desesperança

Cena 4: Natasha está caminhando no corredor da escola com sua amiga que solicita para que ela pare de usar o banheiro masculino e comece a usar o feminino, mas Natasha diz “Ai amiga, é o que eu mais

Desesperança

quero, mas olha pra mim. Olha pra mim. Eu só vou arrumar outro problema.”

---

Fonte: a autora, 2020.

A primeira unidade de análise da terceira e última categoria, falta de sentido, foi perceptível através das cenas 5 e 6. Na cena 5, foi destacado o momento “Natasha está sentada em seu lugar na sala de aula, sem prestar atenção na explicação da professora, com a cabeça encostada na janela e com olhar vago.” Essa cena ocorreu após o momento de vulnerabilidade e violência sofrida no banheiro masculino, desse modo, é possível perceber que a personagem apresenta um estado de tédio. Essa demonstração pode ser relacionada com o vazio existencial, pois ele se mostra em forma de tédio e na conformidade do ser humano com o que lhe é apresentado (Frankl, 2005) A falta de sentido, assim como a dúvida e desesperança nele, frequentemente resultam no sentimento de vazio existencial e acredita-se que a origem dessa sensação, no sujeito, está no não saber por que viver, apesar de ter meios suficientes com o que viver, falta-lhe sentido. Ou seja, o ser humano sente o querer, mas não sabe o que quer e, com isso, perde a sabedoria do sentido (Silveira & Gradim, 2015).

É possível supor que Natasha perdeu a sabedoria do sentido, pois na sequência, na cena 6, ela fala em resposta a professora “‘Tem dia que não tem poesia não, professora.’”, então se retira da sala com a cabeça baixa.”, pela conversa das personagens, é possível entender que Natasha produz poesia e, ao reconhecer que tem dias que não tem poesia, é possível que haja dias em que a poesia não tenha sentido. Nesse ponto de vista, o sentido pode ser encontrado ao criar uma obra e ao entregá-la ao mundo, como por exemplo ao produzir uma obra artística a pessoa pode transcender “a sua esfera para algo no mundo” (Aquino et al, 2011, p. 149). Porém, ao deixar de criar sua poesia, Natasha possibilita sentir a falta de sentido.

A perda dessa sabedoria do sentido é vista como natural no humano, não como patológica. Apesar de apresentar reações patológicas, trata-se de um sofrimento (Silveira & Gradim, 2015). Desse modo, uma forma de expressão de sofrimento é a tristeza, segunda unidade de análise da Categoria 3, a qual foi possível ser observada nas cenas 9, 13 e 14. Em situação de exclusão social, a pessoa pode ser motivada por atribuir significados positivos que vivenciem o amor e a bondade, pois sempre é capaz de amar e ser amado e isso lhe fornece subsídio para suportar o que quer que seja. Logo, o sofrimento ganhará significado quando o indivíduo fizer escolhas responsáveis que oportunizarão a possibilidade de passar os obstáculos. Desta forma, a dor é capaz de fazê-lo olhar para si, reconhecer seus limites e superá-los, assim, ao sofrer, o sujeito possui a oportunidade de tornar pleno o maior

significado da vida (Campos & Cunha, 2016). Por conseguinte, toda a cena 9 foi destacada, “Natasha está decidida a sair da escola quando a professora Lúcia entra na sala e insiste para que Natasha não vá embora. Com lágrimas nos olhos, Natasha responde “Eu tô cansada de tanta humilhação aqui dentro dessa escola, professora.” Com isso, as duas se abraçam e Natasha chora.” Diante de tanto sofrimento após as situações de violências e humilhações sofridas, Natasha decidiu, naquele momento, frente às possibilidades, desistir de estudar e isso despertou grande tristeza em si. Pois, ao invés de superar obstáculos, o caminho encontrado foi o da desistência e ela não conseguiu conter a tristeza dessa escolha ao abraçar a professora.

Já na cena 13, foi destacado o trecho “Natasha está sentada na frente do espelho no camarim do teatro da escola, demonstrando tristeza.” Esta cena ocorreu após o término do relacionamento da personagem. Nem sempre o vazio existencial aparecerá de forma patológica, já que se trata de algo natural à humanidade. Contudo, pode haver manifestação de sintomas patológicos como depressão (Frankl, 2005). A personagem não apresenta sintomas patológicos referentes a depressão, mas é possível observar sofrimento e tristeza bastante intensos nos dois recortes selecionados para a segunda unidade de análise. O que faz necessário lembrar que no vazio existencial, o indivíduo vivencia momentos de tristeza, insatisfação, perda de criatividade, de propósitos e metas. Assim, de forma despercebida, o vazio existencial pode acompanhar o ser humano por longos períodos de sua vida, pois apesar de prolongado e desconfortável, os sintomas não apresentam crises agudas (Rodrigues, 1991). Essa explicação do autor está de acordo com os comportamentos apresentados por Natasha na cena 13, assim como na insatisfação da personagem com a educação, presente na cena 12.

A desesperança, terceira unidade de análise da categoria 3, foi possível observar nas cenas 4, 9 e 14. Na cena 4, foi destacado o trecho “Eu só vou arrumar outro problema.”, no que se refere à desesperança em poder utilizar o banheiro feminino ao invés do masculino, pois se tentar, ela só conseguirá mais problema. Na Cena 9, “Natasha está decidida a sair da escola quando a professora Lúcia entra na sala e insiste para que Natasha não vá embora. Com lágrimas nos olhos, Natasha responde ‘Eu tô cansada de tanta humilhação aqui dentro dessa escola, professora.’ Com isso, as duas se abraçam e Natasha chora.”, destacou-se toda a cena, pois é possível perceber a falta de esperança da personagem com uma possível diminuição da violência sofrida na escola, o que a faz querer parar de estudar. E por fim, na cena 14, foram destacados dois momentos, o primeiro “Natasha desiste de participar da apresentação teatral da escola e fica sentada abraçada à suas pernas chorando.”, demonstra a desesperança que fez ela querer desistir de participar da apresentação teatral e, o segundo

momento, “amor não é coisa pra travesti”, sugere um sentimento de desesperança em amar e ser amada. A pessoa pode ser motivada por atribuir significados positivos que vivenciem o amor e a bondade, pois sempre é capaz de amar e ser amado e isso lhe fornece subsídio para suportar o que quer que seja (Campos & Cunha, 2016). A atribuição de significados positivos não foi perceptível na fala de Natasha, o que pode resultar na dificuldade em suportar as adversidades da vida.

Entretanto, muitas pessoas, sem saber como preencher o espaço deixado pelo vazio existencial, podem substituir o vazio pela busca do prazer e do poder. Contudo, é possível que a autorrealização por meio da satisfação do prazer e da felicidade conduzam ao vazio existencial, pois a autorrealização deve ser consequência do sentido de vida e não a sua finalidade. Logo, sexo inseguro, prostituição e uso de substâncias psicoativas podem revelar a manifestação do vazio existencial, na busca de preencher a falta de sentido e fuga de conflitos e da realidade (Silveira & Gradim, 2015; Ferreira, Kratsch & Sagaz, 2016). Conforme mencionado anteriormente, Natasha não apresenta sintomas patológicos referentes ao vazio existencial. Portanto, a busca de prazer e de poder não foram observadas nas cenas analisadas, assim como qualquer relação da personagem com sexo inseguro, prostituição e uso de substâncias psicoativas. Foi perceptível momentos em que a falta de sentido, tristeza e desesperança foram observáveis, o que propõe a manifestação de vazio existencial em decorrência das violências e discriminações sofridas por Natasha.

A partir dessa discussão, é possível integrar as 3 categorias estudadas. Por ser travesti, Natasha sofre travestifobia de colegas, é rejeitada pelo namorado e impedida de utilizar os banheiros disponíveis na escola. Logo, por não seguir o padrão cisnormativo, ela se torna mais excluída, violentada e decide, mais de uma vez, pela evasão escolar. E, como consequência de todos acontecimentos e escolhas, foi possível observar manifestações não patológicas de vazio existencial em comportamentos e falas da personagem, como tristeza, estado de tédio e desesperança. Portanto, sugere-se um processo psicoterapêutico sob a perspectiva da logoterapia para que haja a possibilidade de Natasha ter consciência de sua responsabilidade frente a suas escolhas. Assim, ela poderá encontrar algo para que viver, ou seja, um sentido de vida a ser cumprido. Ainda, o estudo revelou a necessidade de conscientizar as pessoas quanto ao preconceito sofrido pela população trans, enfatizando as travestis, pois reduz a qualidade de vida e aumenta a probabilidade da manifestação do vazio existencial em virtude da vulnerabilidade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente trabalho viabilizou identificar possíveis relações entre vulnerabilidade social e manifestação do vazio existencial em travestis sob a concepção teórica da logoterapia. Para atingir tal objetivo foram dispostos três objetivos específicos: caracterizar identidade de gênero e travestilidade; caracterizar vulnerabilidade social; e, caracterizar vazio existencial na perspectiva da logoterapia. A pesquisa, com o propósito de evidenciar cientificamente os objetivos, foi sustentada por meio de referencial teórico. E, com o intuito de obter melhor visualização, optou-se pela utilização de um artefato cultural.

Dessa forma, os objetivos desse trabalho foram atingidos e, dentre os principais dados observados, percebeu-se a vulnerabilidade social vivenciada por travestis em decorrência da travestifobia. Ou seja, das violências sofridas devido à sua identidade de gênero. No âmbito da logoterapia, na relação entre vazio existencial e travestis em situação de vulnerabilidade social, foi possível responder ao problema de pesquisa ao identificar possíveis relações entre vulnerabilidade social e manifestação do vazio existencial em travestis. Pois, após estudar profundamente o artefato cultural, a manifestação do vazio existencial na personagem Natasha foi perceptível em virtude da vivência de situações de vulnerabilidade social. Porém, entende-se que o contexto vivido por travestis é muito complexo, por isso, deve-se respeitar cada qual com suas vivências e subjetividades únicas.

No que diz respeito a limitações, um fator limitante foi a escassez de estudos de vidas travestis que não abordassem doenças sexualmente transmissíveis e prostituição como tema principal. Dados referentes ao sofrimento psíquico e estudos da relação deste com o vazio existencial, em travestis, não foram encontrados. Também não foram encontrados levantamentos de dados sobre essa população em órgãos oficiais do governo brasileiro, assim sendo, a maioria dos dados estatísticos advêm de estudos científicos e organizações não governamentais.

Este trabalho observou a manifestação do vazio existencial em uma travesti jovem adulta, estudante de ensino médio, empregada e sem a presença de doenças físicas. Portanto, os resultados dessa pesquisa não devem ser generalizados e são necessários mais estudos com amostras diversas. Acredita-se que este seja um tema relevante para pesquisar e, em virtude da escassez de material em língua portuguesa que contemple o vazio existencial em travestis expostas a situações de vulnerabilidade social, são necessários novos estudos nessa área. Sugere-se, para futuros estudos, o enfoque em outras faixas etárias e em outros contextos, tendo em vista que a vulnerabilidade social parece estar presente em grande parte dessa população. Pesquisas com essa temática podem contribuir para a divulgação do

conhecimento sobre as identidades travestis e para a diminuição da patologização e de preconceitos sofridos por essas pessoas.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, C. B. de, & Vasconcellos, V. A. (2018). Transexuais: Transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo?. *Revista Direito GV*, 14(2), 303-333. DOI: 10.1590/2317-6172201814
- Amorim, S. M. G., Vieira, F. de S., & Brancaloni, A. P. (2013). Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis. *Saúde em Debate*, 37(98), 525-535. DOI: 10.1590/S0103-11042013000300016
- Aquino, T. A. A. de, Silva, J. P. da, Figueirêdo, A. T. B. de, Dourado, É. T. S., & Farias, E. C. S. de. (2011). Avaliação de uma proposta de prevenção do vazio existencial com adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 146-159. DOI: 10.1590/S1414-98932011000100013
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais. (2020a). *Boletim nº03/2020: assassinatos contra travestis e transexuais em 2020*. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/06/boletim-3-2020-assassinatos-antra.pdf>
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais. (2020b). *Dossiê: assassinatos e violência contra travestis brasileiras e transexuais em 2019*. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais. (2018). *Precisamos falar sobre suicídio de pessoas trans!* Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://antrabrazil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>
- Bagagli, B. P. (2017). Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. *Letras Escreve*, 7(1), 137-164. DOI: 10.18468/letras.2017v7n1.p137-164
- Campos, L. dos S., & Cunha, L. S. P. (2016). A busca pelo sentido da vida em meio a exclusão: Um estudo logoterápico com pessoas em situação de rua. *Revista Logos & Existência*, 5(2), 175-190. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/28841>
- Carmo, M. E. do, & Guizardi, F. L. (2018). O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(3). DOI: 10.1590/0102-311x00101417
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). *Resolução CFP 01/2018*. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://site.cfp.org.br/tag/resolucao-01-2018/>

- Conselho Federal de Psicologia. (2019). *Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs*. CFP: Brasília, DF. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://site.cfp.org.br/publicacao/tentativas-de-aniquilamento-de-subjetividades-lgbtis/>
- Costa, A. B., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. In S. H. Koller, M. C. P. P. Couto & J. V. Hohendorff (Orgs.), *Manual de produção científica* (p. 55-70). Porto Alegre: Penso.
- Ferreira, F. N., Kratsch, M. L., & Sagaz, V. R. (2016). O sentido de vida em portadores de HIV/AIDS. *Revista Logos & Existência*, 5(1), 57-72. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/27471>
- Frankl, V. E. (2011). *Conceitos Básicos de Logoterapia* (W. O. Schlupp, Trad.). Mens Sana: Publicações eletrônicas. (Trabalho original publicado em 1961)
- Frankl, V. E. (2005). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (21a. ed., W. O. Schlupp, C. C. Aveline, Trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal. (Trabalho original publicado em 1946)
- Frankl, V. E. (2003). *Ante el vacío existencial: hacia una humanización de la psicoterapia* (Marciano Villanueva, Trad.). Barcelona: Herder Editorial. (Trabalho original publicado em 1977)
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (3a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Guareschi, N., Bernardes, A., Oliven, T. & Weber, A. (2006). Vulnerabilidade social e o programa hospital-dia: Uma discussão sobre as políticas públicas em saúde mental. *Revista de Ciências Humanas*, (40), 299-316. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/17651/16214>
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (H. Monteiro & F. Settineri, Trads.) Porto Alegre: Artmed.
- Lira, F. (Produtor), & Jabace, J. (Diretora). (2019). *Segunda Chamada* [Filme]. Brasil: O2 Filmes.
- Magno, L., Silva, L. A. V. da, Veras, M. A., Pereira-Santos, M., & Dourado, I. (2019). Estigma e discriminação relacionados à identidade de gênero e à vulnerabilidade ao HIV/aids entre mulheres transgênero: Revisão sistemática. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(4). DOI: 10.1590/0102-311x00112718
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia científica* (6a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Melo, J. B. (2019). “Afasta de mim esse CALE-SE”: Narrativas de corporalidades travestis e trans para uma ação clínica e política em psicologia. Instituto de Psicologia,

- Universidade de São Paulo: São Paulo. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-26112019-111052/pt-br.php>
- Ministério da Saúde. (2015). *Transexualidade e Travestilidade na Saúde*. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Acesso em 20 de novembro de 2020 de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade\\_travestilidade\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf)
- Ministério da Saúde. (2017). *Estudo de abrangência nacional de comportamentos, atitudes, práticas e prevalência de HIV, Sífilis e Hepatites B e C entre travestis e mulheres trans*. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <http://www.aids.gov.br/pt-br/ct/na>
- Mott, L. B. & Oliveira, J. M. D. de. (2020). Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia. (1a. ed.). Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia.
- Neto, V. B. L., & Andrade, R. R. (2017). O encontro existencial em logoterapia: diálogos possíveis com a dialógica de Martin Buber. *Revista Logos e Existência*, 6(2), 108-117. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/32197>
- Oliveira, E. M., Oliveira, J. F. de, Porcino, C., Campos, L. C. M., Reale, M. J. de O. U. & Souza, M. R. R. de. (2019). “Corpo de homem com (tre)jeitos de mulher?”: imagem da travesti por enfermeiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23. DOI: 10.1590/interface.170562
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2018). *Folha informativa: suicídio*. Acesso em 20 de novembro de 2020 de [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839)
- Petry, A. R. (2015). Mulheres transexuais e o processo transexualizador: Experiências de sujeição, padecimento e prazer na adequação do corpo. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 36(2), 70-75. DOI: 10.1590/1983-1447.2015.02.50158
- Porcino, C. A., Coelho, M. T. Á. D. & Oliveira, J. F. de. (2018). Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti. *Saúde e Sociedade*, 27(2), 481-494. DOI: 10.1590/s0104-12902018169303
- Rocon, P. C., Wandekoken, K. D., Barros, M. E. B. de, Duarte, M. J. O. & Sodr e, F. (2020). Acesso à saúde pela população trans no Brasil: Nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(1). DOI: 10.1590/1981-7746-sol00234

- Rodrigues, R. (1991). *Fundamentos da Logoterapia na clínica psiquiátrica e psicoterapêutica*. Petrópolis: Vozes.
- Salvador, A. D. (1986) *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. (11ª ed.). Porto Alegre: Sulina.
- Silva, M. M. de L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: Dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, 23(3), 677-692. DOI: 10.9788/TP2015.3-12
- Silveira, D. R. & Gradim, F. J. (2015). Contribuições de Viktor Frankl ao movimento da saúde coletiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 21(2), 153-161. Acesso em 20 de novembro de 2020 de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672015000200005&lng=pt&nrm=iso)
- Sousa, D., & Cavalcanti, C. (2016). Entre normas e tutelas: Pensando (im)possibilidades da Psicologia em interface com transgeneridades. In A. Denega, D. S. V. Andrade, & H. M. Santos (Orgs.), *Gênero na psicologia: Saberes e práticas* (pp. 126-139). Salvador, BA: CRP-03. Acesso em 20 de novembro de 2020 de [https://www.academia.edu/33679931/Entre\\_normas\\_e\\_tutelas\\_pensando\\_im\\_possibilidades\\_da\\_Psicologia\\_em\\_interface\\_com\\_as\\_transgeneridades\\_Diogo\\_Sousa\\_e\\_C%C3%A9u\\_Cavalcanti](https://www.academia.edu/33679931/Entre_normas_e_tutelas_pensando_im_possibilidades_da_Psicologia_em_interface_com_as_transgeneridades_Diogo_Sousa_e_C%C3%A9u_Cavalcanti)
- Tavares, R., Catalan, V. D. B., Romano, P. M. de M., & Melo, E. M. (2016). Homicídios e vulnerabilidade social. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 923-934. DOI: 10.1590/1413-81232015213.12362015
- Tonin, C. F., & Barbosa, T. M. (2017). A interface entre saúde mental e vulnerabilidade social. *Revista Eletrônica Tempus*, 11(3), 50-68. DOI: 10.18569/tempus.v11i3.2281
- Transgender Europe. (2016). *Transgender day of visibility: trans murder monitoring update*. Acesso em 20 de novembro de 2020 de <https://tgeu.org/transgender-day-of-visibility-2016-trans-murder-monitoring-update/>
- Xausa, I. A. de M. (1988). *A psicologia do sentido da vida*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- World Health Organization. (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. WHO Library Cataloguing-in-Publication Data. Acesso em 20 de novembro de 2020 de [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564878\\_eng.pdf;jsessionid=E10066F966E23BAEE728F16E86CCB20C?sequence=8](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564878_eng.pdf;jsessionid=E10066F966E23BAEE728F16E86CCB20C?sequence=8)